

Crise está apenas começando

PARIS — Se as análises do economista francês François Chesnais estiverem corretas, o Brasil terá de redobrar a vigilância em noites insones que se anunciam num horizonte de eventuais turbulências. O sinal de alarme poderá, a qualquer momento, ser novamente acionado. Não se pode dizer que François Chesnais seja um vidente de última hora ou um inconsequente manipulador de fórmulas e criador de teses. Em agosto, quando a crise financeira

atingia em cheio a Rússia, afirmou em entrevista ao **JB** que o problema era do capitalismo global, e não apenas das economias asiáticas. Principal economista da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) até 1992, hoje ele é professor de Economia Internacional da Universidade de Paris XIII. Recentemente, lançou uma obra que trata de um tema caro, nos mais diferentes níveis, ao cidadão contemporâneo: o espesso livro intitua-

lado A mundialização do capital. Embora more do outro lado do Atlântico, Chesnais não perde o Brasil de vista, onde esteve pela última vez há dez meses. Ele já lecionou em Campinas e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Certamente, não integra o grupo dos otimistas de plantão, que acreditam nos efeitos providenciais dos bilhões do Fundo Monetário Internacional (FMI), de um discurso do presidente Bill Clinton ou de uma reunião do Grupo

dos Sete países mais ricos (G-7). Segundo ele, o Brasil está apenas no primeiro, e não no derradeiro, capítulo de sua novela recessiva e instável. Ao presidente Fernando Henrique Cardoso, ele não destina superlativos: "Ele criou a concessão da recessão". O mundo de hoje, na sua opinião, é bombardeado por políticas portadoras de encantamentos. Em Paris, Chesnais conversou com o **JORNAL DO BRASIL** sobre a crise brasileira e a situação mundial.

FERNANDO EICHENBERG
Especial para o JB

— Como o sr. vê a atual crise no Brasil?

— A crise no Brasil está escrita, objetivamente, já há dois anos. Ela deveria ter irrompido no final de setembro ou outubro, mas o capital financeiro internacional e o governo dos EUA tudo fizeram para retardar esse momento de erupção. Era imperativo que a crise brasileira não coincidissem com o colapso do Long-Term Management Investment, esse fundo especulativo ameaçado de falência, seriamente endividado com o consórcio de bancos que havia dado um empréstimo de US\$ 200 bilhões, dívida igual à de todos os países da Ásia em dificuldades. Para os países da Ásia, foram necessárias longas semanas para que o FMI intervisse, não sem impor duras sanções. Na crise do Long-Term Management, foi providenciado um socorro em 24 horas, sem nenhum castigo.

— Por que era tão necessário retardar a crise?

— A ajuda ao Brasil possibilitou uma sobrevivência de três meses, que permitiram ao presidente Fernando Henrique Cardoso ser reeleito. Do contrário, haveria sempre a possibilidade de ocorrer uma virada à esquerda, de uma vitória da coalizão do PT e do Leonel Brizola, por exemplo. Para o sistema financeiro internacional isso seria uma catástrofe.

— O sr. acha que o governo poderia ter reagido mais cedo?

— O presidente Fernando Henrique Cardoso foi reeleito em condições de vulnerabilidade política. Foi obrigado a fazer importantes concessões ao FMI, ao grupo da oligarquia financeira agrária do Nordeste, à burguesia industrial que substituiu a burguesia industrial de São Paulo. Ele fez tantas concessões que já não tinha força política para promover uma desvalorização do real imediata. Mesmo uma boa parte dos economistas americanos lhe aconselhavam a fazê-la. O Fernando Henrique criou a concessão da recessão. Não pôde evitar a saída regular, de semana em semana, de capital estrangeiro. Chegou-se a essa situação, na qual as coisas se precipitam e se é obrigado a tomar medidas de emergência.

— Quais poderão ser as consequências dessa crise?

— Não se pode prever as consequências dessa nova crise. Tudo o que poderia acrescentar, é lembrar que a Rússia desvalorizou o rublo no dia 19 de agosto. Durante uma semana, o clima permaneceu mais ou menos calmo. A crise se deu mesmo depois. Teremos ainda tempo de assistir a uma crise internacional se desencadear por causa do que ocorreu essa semana no Brasil. O conjunto da situação mundial está frágil. Estamos apenas no começo do episódio brasileiro.

— Qual é essa situação mundial?

— Vivemos uma nova etapa no caminho da cri-

se mundial, a combinação de um verdadeiro crack das bolsas e uma verdadeira recessão internacional. O desemprego triplica, e há queda na produção industrial. Estamos numa situação que assinala o caráter totalmente insano das políticas neoliberais. São as condições brutais de um sistema que intensifica a exploração das massas trabalhadoras, corta as demandas das camadas populares e que depende cada vez mais dos mais ricos. Não se pode sustentar um sistema de acumulação sobre essa base por muito tempo.

— O que foi feito até agora no caso do Brasil não terá nenhum efeito?

— A ajuda do FMI e a desvalorização da moeda não querem dizer muito. Veja o exemplo do Japão. No melhor dos casos, os efeitos se farão sentir em meses, mas normalmente são necessários anos. No Brasil, a crise externa é um problema grave de legitimidade política. Talvez seja a primeira vez na história do país que um presidente vai buscar sua legitimidade junto ao FMI e a Washington, e não junto à nação brasileira.

— Qual a dimensão da crise no Brasil?

— Parecia que o sistema financeiro internacional conseguiria absorver a falência russa. Hoje, não podemos saber se o mesmo sistema financeiro internacional, face aos seus compromissos assumidos no Brasil, está em condições de absorver a crise brasileira. Ainda não podemos avaliar a dimensão da crise financeira brasileira ou internacional. Não posso dizer mais do que isso.

— A Europa da zona euro está mais protegida por causa da moeda única?

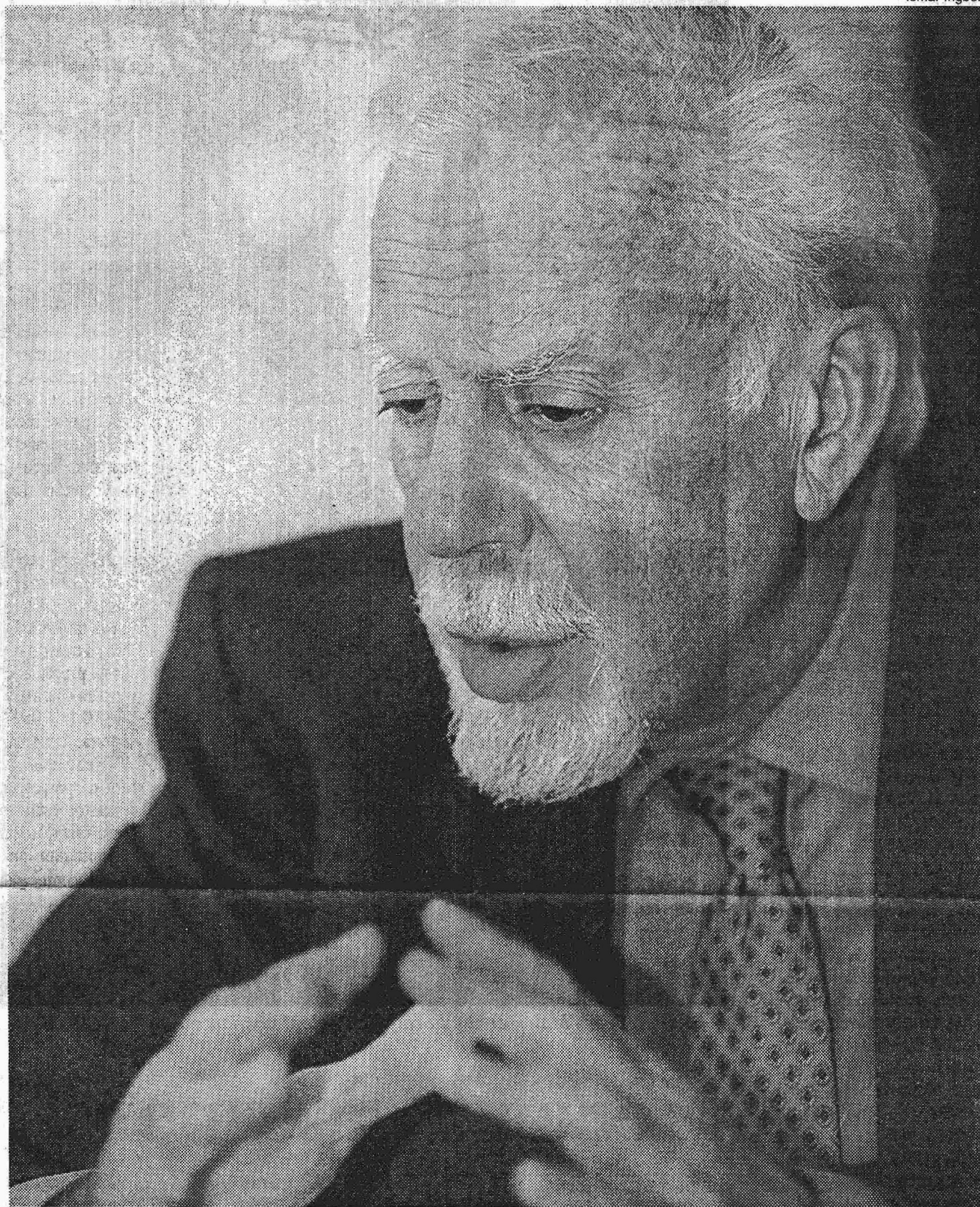
— Não. A Europa dos 11 países que aderiram ao euro participa dessa economia mundial que avança para um quadro de recessão internacional. O resto, é puro encantamento, ilusão. A propósito do Brasil, o jornal *Financial Times*, na sua edição conjunta de 31 de dezembro e 1º de janeiro últimos, afirmava que as promessas do governo brasileiro eram encantamentos. Vivemos numa política de encantamentos.

— Como o sr. analisa o fenômeno da globalização da economia e as crises mundiais?

— Em novembro de 1997, quando a Coreia entrou em recessão e esfacelou seu sistema financeiro, podemos dizer que já não era uma crise asiática, mas mundial. Com a contaminação imediata do Japão, a crise se tornou internacional de uma forma quase mecânica. O que nunca podemos prever nesses casos são os prazos. São três os mecanismos de propagação da crise internacional. Primeiro, o mais inexorável, temos o mecanismo de deflação mundial, processo cumulativo de crise num grupo de países com contração da produção, da demanda de emprego, do comércio, das exportações. Os países mais vulneráveis são os produtores de matérias-primas. Há 15 anos esses países se submetem à lei dos compradores de matérias-primas, a lei do oligopólio mundial dos países avançados, ao qual se anexaram temporariamente só países em crescimento da Ásia. Com a crise internacional, os países produtores de matéria-prima, inclusive de petróleo, viram os preços variarem dia a dia. Esse processo atingiu os países avançados da América do Norte, da Europa e o Japão.

— Qual seria o segundo mecanismo desse processo?

— O segundo mecanismo é o da fragilidade bancária internacional. No processo de mundialização financeira, os grandes bancos internacionais desencadearam uma concorrência cada vez mais cega, com juros elevadíssimos e empréstimos de alto risco, em concorrência com os grandes fundos de investimento. Eles deflagraram operações de crédito internacional cujo montante ninguém conhece, e se viram diante de situações cada vez mais difíceis de gerir. É um sistema constantemente ameaçado de falências bancárias, com aparições repentinas de passivos muito elevados. Foi o que vimos na Ásia, em Hong Kong, e nos Estados Unidos e na Europa em agosto e setembro, por causa dos empréstimos feitos à Rússia. Os grandes bancos brasileiros acreditaram que poderiam participar desse processo e se fragilizaram seriamente em 1997, na crise da Ásia. A gravidade da crise financeira passageira de outubro e novembro no Brasil tinha essa dimensão. O terceiro mecanismo refere-se à crise do mercado das bolsas, em particular de Wall Street, porque é dela que dependem todas as outras.



Ismar Ingber